

Exclusivo

INTERNACIONAL

Reportagem na Eslováquia: como o assassinato de um jornalista dividiu o país e tem estrangulado a democracia



Anadolu / Getty Images

Mudou a Constituição, apertou os media públicos, cortou na Cultura e atacou a comunidade LGBT. O assassinato de Ján Kuciak forçou a sua queda, mas Robert Fico voltou. Hoje, a Eslováquia está mais polarizada, mais permeável à desinformação e com a democracia sob pressão. Retrato de um país partido ao meio





Joana Ascensão
Texto e fotos em Bratislava,
Eslováquia

Na Námestie Slobody (Praça da Liberdade), alguém deixou uma mensagem no chão. “Fico” estava escrito a giz, em letras maiúsculas, com uma seta apontada para uma tampa de esgoto. Àquela hora, a chuva já ameaçava borrar o traço, mas o recado ao primeiro-ministro permanecia nítido e ostensivo para quem o quisesse ler entre as centenas de outros que ocupavam o asfalto. À medida que o dia avançava e baldes transparentes com lápis de giz passavam de mão em mão, a praça enchia-se cada vez mais de vozes escritas em eslovaco. A noite caiu em Bratislava, e a praça fervia. Ainda assim, fazia-se silêncio. Se aqueles escritos falassem, seriam um coro de insultos.

Era 17 de novembro, Dia da Luta pela Liberdade e Democracia. Na praça cabia um estádio de futebol. Segundo os jornais eslovacos, 50 mil pessoas. Entre guarda-chuvas, cartazes erguidos e chá quente a esfumar no céu escuro das cinco da tarde, sucediam-se discursos no palco. Entre eles, o de um estudante do secundário que, sem querer, desencadeou uma onda de protestos e [trouxe o giz](#) para a comemoração da Revolução de Veludo, pela primeira vez. Nunca esta data fora assinalada assim desde 1989, altura em que manifestações estudantis deram início ao movimento pacífico que derrubou o regime comunista na então Checoslováquia, e veio a separar a Chéquia da Eslováquia.

Naquela noite gelada de 2025, o frio cortava, mas, por horas, ninguém arredou pé. A data tornou-se também palco de contestação ao governo de Robert Fico.

A REVOLUÇÃO DO GIZ



Os habituais protestos de 17 de Novembro na Eslováquia, que marcam o Dia da Luta pela Liberdade, ficaram marcados em 2025 pelas mensagens de giz escritas no chão contra o governo de Robert Fico. Joana Ascensão

Foi um grito conjunto que já antecipava Roman Samotny, um conhecido ativista da comunidade LGBT. “**Não reparaste em** mensagens escritas a giz pelas pessoas da cidade?”

mensagens escritas a giz pelos passeros da cidade: , perguntou-nos dias antes, no momento em que se sentou com o Expresso a conversar, na sede da ONG Iniciativa Inakosť, em Bratislava.

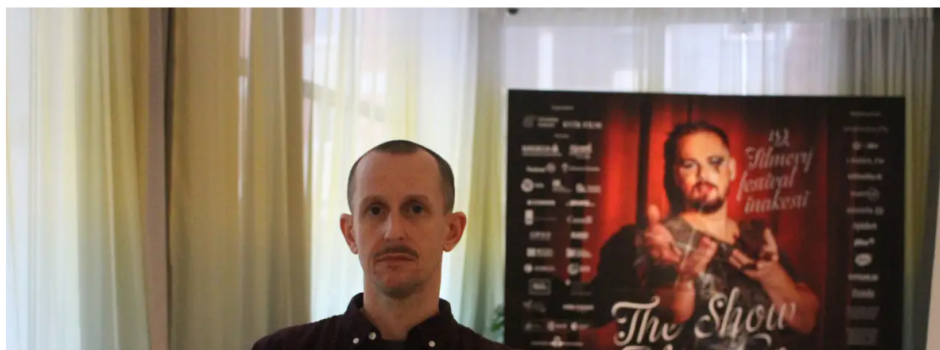
Tudo começou cerca de uma semana antes do 17 de novembro, com um gesto aparentemente inofensivo. Um aluno do secundário em Poprad, cidade do leste da Eslováquia, escreveu no chão do passeio, a giz, mensagens dirigidas ao primeiro-ministro, horas antes de este visitar a escola para dar uma palestra sobre geopolítica. O diretor chamou a polícia e o jovem foi detido para interrogatório. **O episódio filmado e partilhado espalhou-se rapidamente na internet**, tendo enfurecido uma boa parte da população e gerado uma onda de solidariedade, com estudantes de todo o país a recriarem as mensagens de giz do rapaz. Daí até à data simbólica foi um passo curto, sobretudo numa capital em ebulição política.



1/5 O nome do primeiro ministro escrito a giz, no chão, com uma seta a apontar para uma tampa de esgoto na Námestie Slobody (Praça da Liberdade), no centro de Bratislava. Joana Ascensão

Roman Samotny explicou-nos isto tudo, esperando que compreendêssemos. O que estava ali em causa, naquela praça, não era só uma defesa massiva do rapaz, mas um grito maior contra uma radicalização do governo que, no discurso e na lei, vem elegendo alguns alvos a atacar. Artistas, jornalistas, ativistas e partidos mais alinhados com a União Europeia. Mas, sobretudo, é às pessoas como ele, da comunidade LGBT, que o ódio tem chegado com mais violência.

UM INIMIGO CONVENIENTE





Roman Samotny é um conhecido ativista pela causa LGBT na Eslováquia, tendo sido co-criados da ONG Iniciativa Inakost e dono do bar Templarén, onde, em 2022, houve um duplo homicídio. Joana Ascensão

Os primeiros sinais surgiram cerca de um ano após o partido de Robert Fico (SMER) ter ganhado eleições (2023) e formado coligação com outros dois partidos, entre eles o nacionalista de extrema-direita SNS (Slovenská Národná Strana). Em 2024, a ministra da Cultura, Martina Šimkovičová (SNS), em entrevista ao jornal tablóide Topky.sk, [culpara esta minoria](#) pela falta de crianças a nascerem na Europa. “Nós, heterossexuais, estamos a criar o futuro, porque fazemos bebés. **A Europa está a desaparecer, os bebés não estão a nascer por causa do número excessivo de pessoas LGBT.** E o estranho é [que isso está a acontecer] com a raça branca”, dizia.

Mais tarde, a mesma ministra cortou o financiamento a todas as instituições e projetos da comunidade, entre muitas outras organizações culturais e de direitos humanos. Sob o pretexto de promover a “cultura eslovaca”, disse que não levariam “nem mais um cêntimo” do seu ministério.

O próprio primeiro-ministro já tinha classificado a adoção de crianças por casais do mesmo sexo — algo proibido na Eslováquia — como “uma perversão”. E, de forma sarcástica, convidara o líder da oposição, Michal Šimečka, a “**decidir se naquele dia era “um rapaz, uma rapariga ou um helicóptero.”**

Os ataques culminaram, em 2025, numa proposta, consumada em setembro, de alterar a Constituição do país e limitar os direitos LGBT, restaurando aquilo a que Fico chamou de “senso comum”. À semelhança do que Trump fez nos Estados Unidos, e Orbán na Hungria, a **Constituição passou a [permitir apenas “dois sexos”, feminino e masculino “biologicamente definidos”](#)**. Também passou a autorizar a adoção de crianças apenas a casais casados, o que, para a lei eslovaca, que já definia desde 2014 o casamento como a união entre um homem e uma mulher, significa na prática proibir a adoção por pessoas individuais.

Além disso, a Constituição passou a estabelecer que a soberania da Eslováquia em questões “culturais e éticas” deve prevalecer sobre o direito da União Europeia.





A Iniciativa Inakosť, em Bratislava, é uma ONG que se dedica à defesa dos direitos das pessoas LGBT. Joana Ascensão

Para Roman, estas mudanças abriram um novo ciclo de legitimação da hostilidade contra a sua comunidade. “[Robert Fico] transformou-nos em inimigos públicos. Usa o tema de forma agressiva. **Diz constantemente que os “ativistas LGBT querem impor 72 sexos”**. Fala obsessivamente das “terceiras casas de banho em Bruxelas”. Diz que somos a causa dos problemas da Eslováquia e que o nosso modo de vida vai destruir as famílias eslovacas.”

No entanto, na conversa com o Expresso, Roman lembra que esta radicalização não começou agora. “Tudo se intensificou por volta de 2014”, diz, com a narrativa da chamada “ideologia de género”, amplificada pela Igreja Católica, que é fortíssima no país – em cinco milhões de habitantes, cerca de um milhão vai à igreja todas as semanas. Na altura, uma carta do arcebispo lida em todas as igrejas do país descrevia o movimento LGBT+ como uma “cultura da morte”, diz.

Para Roman, esses anos representaram o início de uma época em que as pessoas LGBT passaram a ser apresentadas como perigo, algo que se avolumou no país desde a reeleição de Robert Fico. Ele “é um verdadeiro mestre da retórica política”, afirma o ativista. Desde que retomou ao poder, “a sua forma de governar é simples: **sempre que surge um escândalo, ele lança outro tema para desviar a atenção**. E é por isso que temos agora a emenda constitucional e os ataques às pessoas LGBT”.



Uma faixa em defesa dos direitos das pessoas LGBT colocada próxima do emblemático Michalská Brána (Portão de São

A jurista e constitucionalista Lucia Berdisová é também da opinião de que a ofensiva legislativa não nasce de uma convicção moral. Encontrámo-la para conversar num fim de tarde, num café em Bratislava, onde nos disse que a escolha do alvo “é completamente instrumental”, já que “muitos membros da coligação governamental são eles próprios pessoas queer, em posições de topo”.

Acontece que **as pessoas LGBT tornaram-se “um alvo fácil, um inimigo conveniente”**, capaz de canalizar frustrações sociais num momento de desgaste económico e político – o mesmo que, noutras latitudes, acontece com a população imigrante. “É uma forma de criar um ‘outro’ a quem culpar. E este discurso não é exclusivo da Eslováquia. Vemos o mesmo na Hungria, na Polónia, em vários países da região.” Não deve ser lido, portanto, como um capítulo isolado, acredita a jurista.

A mudança de posicionamento ficou clara quando o SMER, auto retratado como social-democrata, **foi expulso em outubro de 2025 da família dos Socialistas Europeus**, pelas posições pró-Rússia e contra a Ucrânia e pelas alianças internas com a extrema-direita.

Para Berdisová, a estratégia de Fico é cristalina. “O primeiro-ministro tem uma intuição muito forte sobre como ganhar eleições. Ele percebeu a onda de descontentamento a crescer e foi suficientemente esperto para a usar. Aproveitou a retórica anti-LGBT, anti-liberal e anti-governo para voltar ao poder.”

Mas para compreender melhor como Robert Fico voltou diferente ao cargo de primeiro-ministro, é preciso entender como, há oito anos, foi expulso do cargo.

COMO O ASSASSINATO DE UM JORNALISTA DIVIDIU O PAÍS



Memorial em memória de Ján Kuciak e Martina Kušnírová em Bratislava, Eslováquia. Joana Ascensão

A poucos minutos da cidade velha de Bratislava, onde o trânsito

se mistura com turistas rumo ao Danúbio, há uma parede rasgada. Ali, na Praça da Insurreição Nacional Eslovaca (Námestie Slovenského národného povstania), eternizou-se em 2022 um memorial dedicado a Ján Kuciak e Martina Kušnírová, o jornalista e a sua noiva, assassinados em casa quatro anos antes, quando tinham apenas 27 anos.

Não tem grandes palavras, nem biografias. São só umas folhas metálicas pontiagudas, enormes, marcadas na parede e na estrada como se tivessem atravessado a fachada e deixado no chão a marca do impacto. Quando o visitámos, estavam ali pousados um ramo de flores amarelas e brancas e algumas velas.



O memorial foi eternizado em 2022, no exato local onde algumas pessoas iam deixando flores e velas em memória do casal assassinado. Joana Ascensão

Foi um crime que rebentou por dentro com a sociedade

eslovaca. Na noite de 21 de fevereiro de 2018, o repórter de investigação e a noiva foram executados a tiro em casa, na aldeia de Veľká Mača, no momento em que ele investigava sobre corrupção no país ao mais alto nível. Nessa altura, Robert Fico estava no terceiro mandato.

O duplo homicídio desencadeou manifestações em massa sem paralelo no país. As ruas encheram-se de gente, em vigílias e marchas, a pedir a demissão do primeiro-ministro.

A 14 de março, Robert Fico foi obrigado a resignar. Mais tarde cairia o chefe da polícia. Depois disso, vários autores materiais e intermediários confessaram o crime e foram condenados, mas o processo sobre o responsável pela “encomenda” do assassinato arrasta-se até hoje.

O vazio mantém a ferida aberta no centro da sociedade eslovaca. O choque público funcionou como ponto de não-retorno. Se um repórter de 27 anos podia ser silenciado por fazer o seu trabalho, ninguém podia assumir que as instituições do Estado eram impermeáveis a influências. Esse abalo, essa fissura na democracia, ainda se sente nas ruas de Bratislava, em todas as conversas que tivemos, com pessoas da sociedade civil. Mas há uma pergunta que ecoa no ar. **Como é que Robert Fico regressou ao cargo apenas três anos depois?**

A constitucionalista Lucia Berdisová arrisca um pequeno sorriso. “É impressionante pensar que, depois de 2018, ninguém imaginava que Fico pudesse voltar ao poder”, confessa. Parecia politicamente acabado.



Igreja Azul, em Bratislava. Na Eslováquia, cerca de 20% da população vai à missa semanalmente. Joana Ascensão

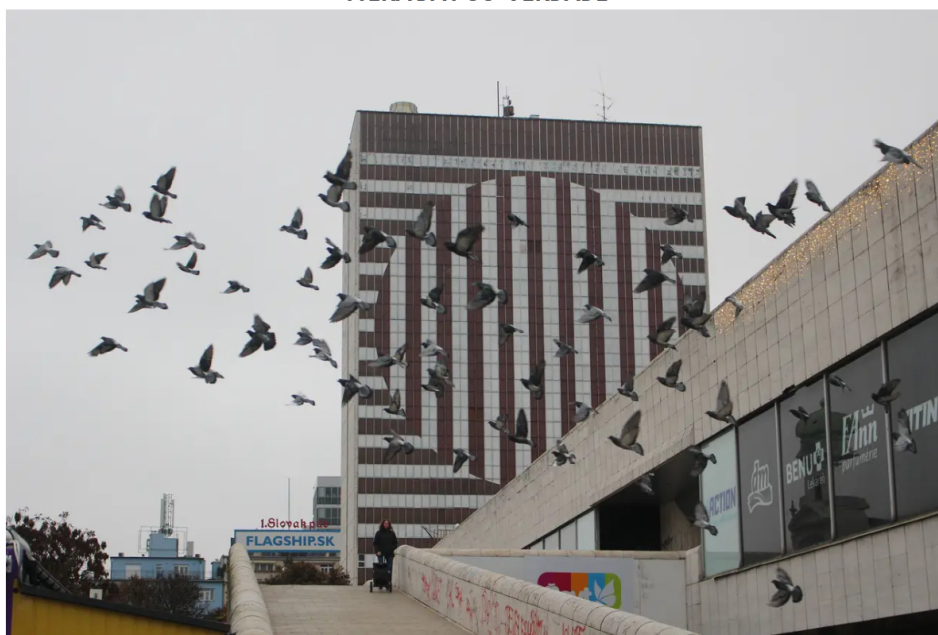
Contudo, com a pandemia, surgiram fortes protestos contra as medidas sanitárias e um grande movimento anti vacinas. Fico percebeu que tinha a oportunidade de se posicionar ao lado das críticas. Mais tarde, a Rússia invadiu a Ucrânia e acentuou-se o fio invisível emocional e cultural que liga Bratislava a Moscovo, vindo dos tempos comunistas. E Fico aproximou-se de Vladimir Putin. [Um estudo de 2024](#) diz mesmo que menos de **metade da**

população (41%) culpa a Rússia pela guerra na Ucrânia. É a percentagem mais baixa entre os países da Europa Central e de Leste.

A vitória sem maioria levou Robert Fico, político experiente há 40 anos, a fazer uma coligação com o partido nacionalista de extrema-direita SNS que tinha colocado em posições de topo influenciadores anti vacinas e supremacistas brancos, com o intuito de chegar ao parlamento.

É o que o escritor e programador cultural Michal Hvorecký chama de “governo de vingança”: **“Ele queria vingar-se das elites liberais, vingar-se por ter sido forçado a sair em 2018** por causa das acusações de corrupção que se seguiram à morte de Kuciak, e tornou-se muito mais à direita do que antes. “Ele, que começou a carreira nos anos 80 como pós-comunista, um *apparatchik* do regime, e que na década seguinte se tornou social-democrata, hoje é quase um ultra-nacionalista de extrema-direita.”, descreve.

A ERA DA PÓS-VERDADE



Na Eslováquia, menos de metade da população (41%) culpa a Rússia pela guerra na Ucrânia. Joana Ascensão

Um dos primeiros “alvos” do novo governo de Robert Fico foi o jornalismo — precisamente o setor de Kuciak, o caso que o derrubara anos antes. **Começou por substituir as direções de informação da rádio e televisão públicas**, alterando também a sua linha editorial. Os debates políticos e culturais diminuíram, várias caras conhecidas foram despedidas e, nos noticiários da noite, tornaram-se mais comuns discursos sem contraditório de membros do governo.

Ao mesmo tempo, surgiram novos projetos de média assumidamente críticos do governo, desde o fortalecimento do [Denník N](#), até iniciativas fundadas por repórteres despedidos, como o [360](#).

Especialmente depois da [tentativa de assassinato do primeiro-ministro](#), em maio de 2024, apenas oito meses após vencer as eleições, os ataques verbais e online contra jornalistas

vencer as eleições, os ataques verbais e online contra jornalistas tornaram-se habituais. Na altura, o ministro do Interior, Matúš Šutaj-Eštok, referindo-se aos órgãos de comunicação social acusou: “muitos de vocês semearam este ódio”.

“Isso normaliza-os junto da população, porque vêm de cima, do nível do Estado, e **o objetivo é minar a confiança do público nos média independentes**”, opina Lukas Diko, jornalista há 25 anos e chefe de redação do [Centro de Jornalismo Investigativo Ján Kuciak](#).

Encontrámo-nos com Lukas num edifício discreto no centro de Bratislava. A redação estava quase vazia, com mesas encostadas e caixas abertas. Antes de se sentar connosco, pediu desculpa. Explicou que o instituto — criado em homenagem a Kuciak, após o seu assassinato — muda regularmente de morada por razões de segurança.



Lukas Diko, chefe de redação do Centro de Jornalismo Investigativo Ján Kuciak. Joana Ascensão

Para o jornalista, o problema vai mais fundo do que a captura dos meios de informação. As barreiras ao trabalho jornalístico têm-se intensificado. **“Há casos de jornalistas impedidos de entrar em conferências de imprensa.”** Além disso, acrescenta, “o nosso trabalho de acesso à informação está a ser limitado de outras formas”, descrevendo o caso recente de uma investigação sobre o ministro da Defesa.

“Pedimos um comentário ao Ministério da Defesa, mas nunca respondeu. Fizemos pedidos formais de informação e recusou. Mas antes de a reportagem sair, o ministro publicou um vídeo no Facebook a atacar o colega que a escrevia. Ele sabia que a investigação ia sair porque tínhamos enviado perguntas. Em vez de responder, atacou o jornalista.”

Esta erosão do ambiente mediático é mensurável. O Instituto analisou um ano inteiro de publicidade política paga, até junho de 2025, na Eslováquia, Hungria, Chéquia e Polónia, para identificar anúncios direcionados contra jornalistas, ONG ou meios independentes. “A conclusão surpreendeu. A Eslováquia foi, de longe, o pior caso, pior até do que a Hungria”, diz Lukas.

As maiores preocupações, agora, prendem-se com o que pode vir a seguir. “No ano passado, Andrej Danko, do Partido Nacional Eslovaco, anunciou que queria criar um gabinete estatal de comunicação social, uma instituição do Estado que atribuisse credenciais aos jornalistas”, recorda. “Ou seja, seria o Estado a decidir quem é jornalista.”

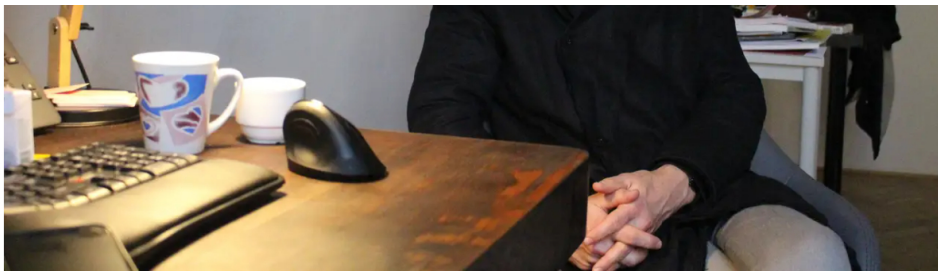


Pintura de parede em homenagem a Ján Kuciak, jornalista de investigação assassinado em casa, aos 27 anos. Joana Ascensão

A par do jornalismo, na cultura o ambiente também se tem deteriorado. O escritor e dinamizador cultural Michal Hvorecký relata que, quando Martina Šimkovičová se tornou ministra da Cultura, **foram despedidos quase todos os diretores das maiores instituições culturais**, como a Biblioteca Nacional e o Teatro Nacional. Mantiveram-se quatro. No sistema de financiamento de projetos artísticos, também houve mudanças. Projetos recomendados por júris independentes começaram a ser recusados.

Para quem trabalha na área, tornou-se claro que a cultura é agora um campo de batalha político, com linhas definidas e alvos escolhidos. E Michal foi um deles, depois de, em 2023, ter escrito um artigo de opinião num jornal a explicar porque é que a ideologia da ministra pode ser considerada de extrema-direita e de ter publicado um vídeo de sete minutos nas redes sociais onde a descrevia como “uma conspiracionista perigosa e supremacista branca”.





Michal Hvorecký foi levado a interrogatório na polícia por críticas que fez à ministra da Cultura. Joana Ascensão

Em resposta, ela convocou duas conferências de imprensa onde o definiu como “inimigo do Estado” e prometeu puni-lo pelas críticas, apresentando queixa à polícia. Hvorecký chegou a ser interrogado, mas levou o caso a tribunal e ganhou.

Entre 2022 e 2024, **a pontuação da Eslováquia em democracia liberal caiu de 76,2 para 58,4, segundo o projeto Varieties of Democracy (V-Dem)**, sediado na Universidade de Gotemburgo (Suécia), que publica todos os anos um relatório global de democracia baseado em 31 indicadores de democracia liberal, eleitoral e participativa. Uma queda acentuada que colocou o país na lista europeia de maior risco de autocratização.

UM ENCLAVE CHAMADO BRATISLAVA



A Eslováquia terá novas eleições legislativas em 2027. Joana Ascensão

Hoje a Eslováquia é um país profundamente dividido. Por um lado as cidades grandes, por outro as zonas rurais. De um lado, uma geração jovem europeísta, do outro uma geração mais velha, nostálgica da era comunista.

A capital, encostada à fronteira com a Áustria, na ponta ocidental do país, é onde isso mais se sente. Parece um país à parte, uma espécie de enclave entre o Ocidente e o Leste que não chega a pertencer ao primeiro bloco mas também já não se sente propriamente parte do segundo.

A cidade das “cafetarias”, “dos cappuccinos e lattes” (“Bratislavská kaviareň”), como rotulou o primeiro-ministro, colou-se-lhe como

uma caricatura. Serve para apenar tuos o que e entista, cosmopolita ou desconectado do “país verdadeiro”. Ali encontra-se também a única “ilha liberal num país maioritariamente conservador” onde o partido SMER venceu, nas legislativas de 2023, explica o escritor Michal Hvorecký. Na capital venceu o maior partido da oposição, o Progressive Slovakia (PS).



A socióloga e professora universitária Olga Gyárfášová diz que o país está profundamente dividido. Joana Ascensão

Este fosso, no entanto, mais geográfico, é também social. A socióloga Olga Gyárfášová descreve esta divisão como um processo cumulativo de polarização da sociedade. “A lógica do discurso é simples: ‘os outros são os maus’ e ‘eu sou o bom que vos garante uma vida confortável’. E quando a polarização se instala assim, torna-se quase impossível atravessar essa barreira.”

Contudo, a professora universitária e investigadora do Instituto de Assuntos Públicos, em Bratislava, alerta que **essa polarização tem custos**. “Passo a passo, foram limitando os pilares do funcionamento democrático do Estado”, afirma. “Algo muito semelhante ao caso de Viktor Orbán, na Hungria. A diferença é que Orbán está no poder há 15 anos, e este governo fez coisas parecidas num espaço de tempo muito curto.”, analisa.

É também a Orbán que Fico tem dado a mão nos corredores da União Europeia. Governam os dois únicos países europeus que beneficiam de uma exceção ao embargo ao petróleo de Moscovo, por dependerem energeticamente do gás russo. O primeiro ministro da Eslováquia costuma dizer que **faz política externa “para os quatro lados do mundo”**, recusando-se a aceitar a narrativa de que é preciso escolher um lado.





Por baixo da placa memorial em homenagem aos dois jovens assassinados em 2022, à porta do bar Templarén, acumulam-se flores e velas. Joana Ascensão

É neste cenário, de polarização e fragilidade das instituições, que a **resistência da sociedade civil se tornou mais visível**. Nos últimos meses, multiplicaram-se as pessoas que decidiram comprar assinaturas de jornais enquanto gesto político. “Antes ninguém queria pagar por jornalismo. Agora, a cada conferência de imprensa de Fico em que ele ataca jornalistas, as pessoas compram assinaturas”, descreve o escritor Michal Hvorecký. Os centros comunitários lotam, e recebem mais donativos. As manifestações têm-se repetido nas ruas.

Mas no futuro, com a aproximação das eleições legislativas de 2027, e com o partido de Fico a perder nas sondagens, paira uma dúvida que inquieta. “Ele disse que mandatos de quatro anos são ineficientes. Isto é muito preocupante. Muitas pessoas já sentem que as próximas eleições podem ser manipuladas ou roubadas.”, afirma a socióloga Olga Gyárfášová.

Além do medo político, cresce o medo físico. E há razões para que não seja apenas abstrato. A Eslováquia já sabe o que significa quando a violência entra na política. O assassinato de Ján Kuciak e Martina Kušnírová abriu uma ferida que permanece sem fechar, mas essa ferida voltou a abrir-se em outubro de 2022, na rua estreita onde funcionava o bar Tepláreň, de Roman Samotný.



À porta do bar Templarén, onde em 2022 houve um duplo assassinato contra dois jovens da comunidade LGBT, está um candeeiro pintado com as cores arco-íris. Joana Ascensão

Naquele que era dos poucos espaços abertamente LGBT da capital, dois jovens — Matúš Horváth e Juroj Vančuliš — foram

capital, dois jovens — Matus Holvati e Juraj Vankuc — foram assassinados junto à porta. A polícia classificou o ataque como terrorismo motivado por ódio.

“Fechei o bar imediatamente. Foi extremamente doloroso para mim. Muitas pessoas pediram para o manter aberto como símbolo de resiliência, mas é fácil falar e difícil fazer.”

Roman diz isto com pesar no olhar. A porta do antigo Tepláreň permanece agora fechada, mas o local não desapareceu da cidade. Do ponto exato de onde o atacante disparou, há hoje uma placa memorial, e no chão acumulam-se velas, flores e duas pedras pintadas com as cores do arco-íris.

Do outro lado da estrada, em frente à antiga entrada do bar, ergue-se um candeeiro pintado com as cores do arco-íris. Roman conta que tem sido vandalizado repetidamente, pintado de cinzento para apagar o gesto. “Voltámos a pintar.” E voltam sempre. Pintam de novo para guardar aquele lugar, talvez o mais visível da Bratislava de hoje onde se disputa, à luz do dia, quem tem direito a existir no espaço público.

Esta reportagem foi apoiada por uma bolsa de jornalismo atribuída no âmbito do projeto [CLAD – Citizens and Libraries Against Disinformation](#), promovido pelo Goethe-Institut Portugal e Goethe-Institut Bratislava com financiamento da União Europeia.

RELACIONADOS

- UE abre processo por infração contra Eslováquia por alterações constitucionais
- **E** Governo da Eslováquia quer mudanças na proteção de denunciantes: “É um momento de crise de proporções constitucionais”, alertam críticos
- **E** Hungria e Eslováquia usam veto contra a Ucrânia, Costa avisa Orbán que tem de cumprir compromissos
- Eslováquia suspende fornecimento de energia elétrica de emergência à Ucrânia



Tem dúvidas, sugestões ou críticas? Envie-me um e-mail: jascensao@expresso.impresa.pt

Gostou deste artigo?

10 resposta(s)



1 Comentário



Junte-se ao debate...



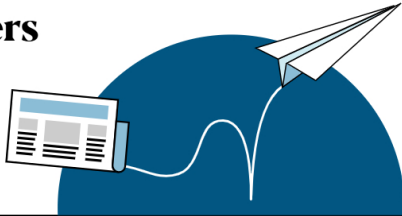
J. RODRIGUES

há 12 horas

Mais um belo exemplo da expressão "Não há ódio como o amor cristão".

👍 1 🗨️ 0 Responder 📎

Newsletters



Receba as newsletters do Expresso

O nosso Expresso Curto ou Diário, as de Economia, Tribuna, Blitz ou Boa Cama Boa Mesa. Subscryva as newsletters escritas pelos nossos editores e receba-as diretamente no seu e-mail

Subscriver

+ Internacional

+ ARTIGOS



CONFLITO NO MÉDIO ORIENTE

E Nos 30 dias que já leva a guerra contra o Irão, nunca a Palestina deixou também de estar 'em guerra'

Há 36 minutos [Margarida Mota](#)



ECONOMIA

Confiança dos consumidores cai em março para mínimos de 2023

10:03 [Agência Lusa](#)



CONFLITO NO MÉDIO ORIENTE

Drones de guerra MQ-9 Reaper chegam à Base das Lajes esta segunda-feira: MNE português autorizou

09:51 [Expresso](#)



DIRETO CONFLITO NO MÉDIO ORIENTE

Trump quer petróleo do Irão, diz que nova liderança é "muito mais razoável" e que "talvez" haja acordo em breve

[David Dinis](#)

+ Exclusivos

+ ARTIGOS

Henrique Raposo



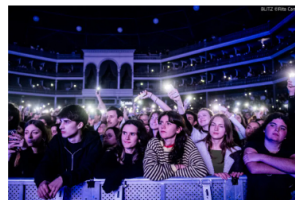
E O Irão ataca os Emirados Árabes Unidos pela mesma razão que ataca Israel



CONFLITO NO MÉDIO ORIENTE

E Nos 30 dias que já leva a guerra contra o Irão, nunca a Palestina deixou também de estar 'em guerra'

Há 36 minutos [Margarida Mota](#)



BLITZ

E Todos os concertos marcados para 2026 em Portugal

[BLITZ](#)



PALAVRAS CRUZADAS

E Novas Palavras Cruzadas já disponíveis: desafie-se com os Jogos Expresso

[Atlântico Press](#)

+ Vistas

1 CONFLITO NO MÉDIO ORIENTE
Guerra contra o Irão

2 BLITZ
"Já pedi que retirassem o meu nome do disco."

3 PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA
Seguro promulga

4 O TAL PODCAST
"Na escola não aprendemos só a ler,

assenta nas “mesmas motivações do colonialismo” do passado, diz Presidente angolano

Não foi nada disto que eu fiz”: James Blake desiludido com a sua canção no álbum de Kanye West

regime jurídico de tempo de trabalho no transporte rodoviário

escrever e contar. O professor não ensina só o que sabe, ensina o que é. Na escola formamos pessoas”

5 PARTIDOS POLÍTICOS
E “O PSD nunca se esquece do PS”: Leonor Beza garante que “diálogo” para TC ainda está aberto. Esquerda desiludida com Carneiro

6 INTERNACIONAL
Irão garante que os EUA se preparam para uma “ofensiva terrestre”; Pentágono envia mais 3.500 militares para o Médio Oriente

7 INTERNACIONAL
Finlândia declara estado de alerta após entrada de drones ucranianos nas suas águas territoriais

8 O CEO É O LIMITE
E Como planear a reforma e preparar a saída

+ **Vistas** **SIC NOTÍCIAS**

+ SIC NOTÍCIAS

1 ALTA DEFINIÇÃO
“A minha mãe fez análises, exames, e tem esclerose múltipla. Com o tempo torna-se assustador, pois percebemos que é real”

2 ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS
Um “super El Niño” pode estar a caminho: o que significa para a temperatura do mundo

3 PAÍS
Horário de verão chega este domingo: a origem da divisão da hora em 60 minutos

4 POLÍTICA
Alterações à lei laboral: Governo propõe 30 horas anuais de formação contínua em microempresas

5 BOA CAMA BOA MESA
Alijó: inaugurados este domingo os passadiços de São Mamede de Ribatua

6 PAÍS
Eclipse solar total em Portugal: quando, onde e como observar este fenómeno raro

7 ATAQUES IRÃO
Israel proíbe líderes religiosos de participarem na missa do Domingo de Ramos, Paquistão será mediador

8 CIÊNCIA
Jovem de 18 anos cria sistema de filtragem que elimina 96% dos microplásticos da água potável

Expresso

SUBSCREVER SEMANÁRIO

Estatuto editorial Código de Conduta Ficha Técnica do Expresso Política de cookies Política de privacidade Termos de utilização Contactos Publicidade Ficha técnica da Blitz Estatuto editorial Blitz Configurações de privacidade

Livro de Reclamações

SIGA-NOS



SITES DO GRUPO IMPRESA

SIC

Opto SIC

SIC Internacional

SIC Notícias

SIC Radical

SIC Mulher

SIC K

SIC Caras

SIC Novelas

SIC Esperança

Fama Show

Expresso

Blitz

Boa Cama Boa Mesa

Tribuna

Volante SIC

GMTS

InfoPortugal

SIC International Distribution

www.impresa.pt